

# Estudos Eleitorais

TSE - N. 3, set./dez. 1997

---

# Eleições Municipais Santa Maria, 1996

Selvino Antonio Malfatti e Tereza Dela-Pace Bragatto

Selvino Antonio Malfatti é doutor em Filosofia e professor titular aposentado da UFSM. Tereza Dela-Pace Bragatto é professora da Secretaria de Educação do estado do Rio Grande do Sul.

O presente artigo pretende apresentar uma análise das eleições municipais ocorridas em Santa Maria, Rio Grande do Sul, em 1996. Pretendíamos encontrar o fator ou fatores sublimantes da opinião pública os quais possibilitaram a vitória de um partido com um mínimo de expressão em termos de cadeiras no Legislativo municipal. Em nível estadual ou mesmo federal sua força política pode ser considerada média-baixa. Este partido derrotou outros tradicionais com boas estruturas, vários vereadores, diretório numeroso e atuante, ou mesmo detentor da máquina administrativa do município. Procuramos nos deter somente nas eleições majoritárias, fazendo apenas referências secundárias às eleições proporcionais que concorriam paralelas à Câmara Municipal.

Para atingir nosso objetivo, analisamos as ideologias, os partidos, os programas e mesmo os propósitos dos pretendentes à Prefeitura. Detivemo-nos também nas coligações e nas estratégias políticas da campanha ou em outros fatores que pudessem influir no resultado eleitoral. A hipótese de que as alianças descaracterizam os partidos, ou mesmo as ideologias, pode ser verdade, mas não foi fator decisivo em termos eleitorais. A ideologia explica mais derrota do que vitória. Há uma área ideológica tolerável pelo eleitorado, fora da qual começa rejeição. Isto significa que um determinado partido com uma ideologia aceita, coligado com uma de rejeição, toda a coligação se torna rejeitável. Estando o partido ou a coligação dentro do *continuum* ideológico ainda assim deve preencher outro quesito: o candidato necessita identificar-se com perfil do candidato que

faz parte da cultura política gaúcha. Na cultura política rio-grandense há um mito e o candidato que mais se aproxima deste mito, torna-se o preferido pelo eleitorado. Este mito, presente na cultura política gaúcha, é a figura de Getúlio Vargas e com tudo o que ela traz à lembrança ao gaúcho.

Para a pesquisa acompanhamos pessoalmente a campanha política, que vai desde a escolha de candidatos, a formação das coligações, a produção de textos televisivos, comícios, carreatas e outras formas de propaganda. Este material constitui a matéria-prima de nosso trabalho. Estudamos também os programas dos partidos e os comparamos entre si, bem como os propósitos manifestos dos candidatos. Os resultados finais das eleições, os buscamos nas Atas da Justiça Eleitoral.

### *1. Modelos de projetos de sociedade*

Jean-Pierre Fourcade, em *La tentation social-democrate*, analisa a situação ideológica da França da década de 80 e constata a existência de cinco projetos de sociedade decorrentes de cinco principais matrizes do pensamento político. Parece-nos que a clivagem ideológica proposta por Fourcade ainda tem valor metodológico para uma análise política. Para o Brasil, porém, o valor aumenta devido ao divisor ideológico mais nítido a que se está chegando. Atualmente já se podem distinguir, com menos penumbra, as diferenças entre projetos de sociedade de correntes políticas que até há pouco confundiam-se. Os extremos facilmente podem ser identificados, embora as propostas comecem a se assemelhar quando as diferenças forem menos perceptíveis. E há questões que são assumidas por duas ou mais ideologias, parecendo, à primeira vista, iguais.

No intuito de cooperar com esclarecimento cultural, trazemos a reflexão de Fourcade. Começamos do centro para a esquerda. Na extrema esquerda encontramos um projeto comunista de sociedade. Suas duas principais características são o internacionalismo e revolucionarismo. A proposta é de uma sociedade igualitarista e o modelo político é a democracia centralizada. No Brasil, certamente os partidos que se abrigam nesta ideologia seriam os *PCs*, o *PT* e outros menores.

Localizando-se ideologicamente mais próximo do centro a partir da esquerda, deparamo-nos com o projeto socialista. Este propõe um nacionalismo protegido, estatização gradual, supressão paulatina e pela via democrática do capitalismo. Diferencia-se do comunismo por não concordar com a ditadura do proletariado, com a função totalitária do partido e com o revolucionarismo. À alternativa revolucionária propõe métodos democráticos. No Brasil, poderiam ser caudatários desta ideologia o PS e o PSB, entre outros.

E no centro do *continuum* ideológico-político, defrontamo-nos com a social-democracia. Conforme Fourcade, a social-democracia pode ser considerada uma deformação de dois projetos: socialismo e liberalismo, ou um compromisso entre liberalismo e socialismo. Nesse sentido defende uma sociedade de economia mista, aceita a concorrência nacional e internacional, dá ênfase à função do Estado, presta significativa importância à ação sindical e compromete-se com a democracia. O que a torna problemática, porém, é que coloca, nas mãos do Estado, a proteção das liberdades individuais. Com certeza o principal partido brasileiro professa esta ideologia é o PSDB. Em que pese a influência positivista, o PDT também defende muitas dessas propostas.

Voltemo-nos à direita. Aqui encontramos dois grandes projetos de sociedade: o individualismo e o liberalismo. No extremo está o individualismo. O próprio Fourcade prefere não denominar de *conservador* o individualismo, visto que há liberais conservadores, enquanto os genuínos individualistas não demonstram nenhum compromisso com certas instituições sócio-políticas como o Estado, sindicatos ou outros tipos associativos. O individualismo propõe o fim do Estado, supressão de qualquer sistema coletivo de seguridade ou assistência, extinção da fiscalização e do fisco, a abertura das fronteiras para o livre comércio sem alfândegas e impostos. O único limite é o *mercado*, que pode ser econômico, cultural, político, social e os demais. O *mercado* é soberano em todos os aspectos da vida. No Brasil parece que não há nenhum partido que professe integralmente tal doutrina ou proponha tal projeto. Podem ser identificados indivíduos *individualistas*, isolados, dispersos em partidos.

O outro projeto de direita é o liberalismo. Seu espectro é suficientemente amplo para abarcar uma maior ou menor ação política sobre o individual e o social. A ação interventiva, porém, é sempre passageira ou pontual. O Estado pode intervir, por exemplo, no sistema educacional. Não pode, no entanto, intervir totalmente e sempre sobre todo sistema educacional. As principais teses liberais são o respeito às liberdades individuais, um sistema político que garanta a participação dos cidadãos, liberdade à iniciativa individual econômica, educacional, política, artística, comercial, industrial, sanitária e outras. Abertura das fronteiras à entrada e saída de bens, previamente regulamentado em lei, livre concorrência. Para o liberalismo, o bem mais importante é a liberdade individual, econômica e política. Provavelmente os maiores partidos que se alimentam de tal doutrina no Brasil são: PPB, PMDB, PFL e PL.

Desses cinco projetos de sociedade, o mais problemático é o da social-democracia, pois não é um projeto original, e sim uma mistura de socialismo com liberalismo, conforme Fourcade. Além disso, confunde o espectro ideológico, fazendo com que liberais, por exemplo, passem por social-democratas e vice-versa. Ocorre que o socialismo é a moderação do comunismo, e o liberalismo, a moderação do individualismo. A social-democracia, por sua vez, seria a moderação dos anteriores. Apossou-se do atraente e repeliu o que poderia rejeitá-la. O *welfare state* tem preço, isto é, alguém pagou ou pagará. A social-democracia, no entanto, apresenta-se como se ninguém precisasse pagar. Como diria Fourcade, “é o desejo de não ter dificuldades sociais”.

Se aplicarmos os princípios dos projetos aos grandes temas que assolam a sociedade, pode-se mais facilmente compreender o alcance das teses de cada ideologia. Além disso, a realidade é bem mais complexa que a tese da doutrina. As variáveis se entrecruzam, e os princípios nem sempre podem ser aplicados na sua pureza de intenção. Apresentemos apenas um exemplo: a questão do livre comércio para a política norte-americana.

O princípio geral é de que os democratas norte-americanos seriam liberais mais à esquerda e, por isso, mais protecionistas. Os republicanos, por sua vez, liberais mais à direita, e, conseqüentemente, favoráveis ao

livre comércio. Com a eleição de um presidente democrata, a lógica deveria ser o de restrição às importações. No entanto, se a maioria do Congresso for republicana, deve frear as atitudes restritivas ao livre comércio. Além disso como há blocos econômicos, como o Nafta (Acordo de Livre Comércio da América do Norte) e Alca (Área de Livre Comércio das Américas), nem sempre apoiar ou opor-se seria ser protecionista ou livre cambista. Uma área de livre comércio só libera o comércio entre seus membros. Neste caso, um democrata pode apoiar o livre comércio e ao mesmo tempo ser protecionista, enquanto um republicano pode apoiar o protecionismo daquela área, mas ser livre cambista em relação a outras áreas. Por isso, o simples fato de professar esta ou aquela ideologia não significa que na prática tenha automaticamente esta ou aquela postura, pois a realidade é infinitamente mais complexa que a ideologia. O mais importante é a garantia de espaço para todos, os interesses e a submissão às regras do jogo democrático.<sup>1</sup>

## *2. Propostas de sociedade dos partidos políticos*

Para fins didáticos podemos dividir os partidos em duas grandes categorias: esquerda e direita. Cada uma delas pode ser subdividida em extrema, intermediária e centro. Temos então partidos de extrema esquerda como o Partido dos Trabalhadores – PT, Partidos Comunistas como o Partido Comunista Brasileiro – PCB, o Partido Comunista do Brasil – PCdoB e o Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados – PSTU. Já, nos partidos de esquerda intermediária, podem ser alocados o Partido Socialista Brasileiro – PSB e o Partido Popular Socialista – PPS. No centro da esquerda estaria o Partido Social Democrático Brasileiro – PSDB. Quanto ao centro da direita seriam ocupados pelos partidos: Partido Democrático Trabalhista – PDT e pelo Partido Trabalhista Brasileiro – PTB. Na direita intermediária estaria o Partido Popular Brasileiro – PPB, o Partido da Frente Liberal – PFL, o Partido Liberal – PL e o Partido do Movimento Democrático Brasileiro – PMDB. Partidos propria-

---

<sup>1</sup> FOURCADE, Jean-Pierre. *La tentation social-démocrate*. Paris : Plon, 1985.

mente de extrema direita parece que não há no Brasil. Evidentemente se encontram manifestações isoladas ou entidades, como alguns institutos, que defendem tais idéias. Os partidos de direita são denominados de conservadores porque aceitam o *status quo*, querem apenas seu aperfeiçoamento.

O conceito de esquerda ficou associado à idéia de contestação da ordem econômico-social. Assim aconteceu com os *sans culottes* da Revolução Francesa e comunistas ou socialistas de um modo geral. O trabalhismo de origem getuliana, o qual se inspira em Augusto Comte, não pretendia a derrocada da ordem estabelecida, mas incorporar o proletariado na dita ordem. Logo, tanto o PTB como o PDT são partidos visceralmente conservadores.

A extrema esquerda em seus programas insiste na idéia de uma democracia de massas, direta. Por isso sua estratégia consiste numa proposta que acena para uma sociedade governando a si mesma, sem intermediários. Propõe, por exemplo, que as unidades hospitalares, universidades, prefeituras sejam governadas por decisões populares, através de assembléias. Um exemplo concreto é o orçamento participativo proposto pelo PT para a Prefeitura de Porto Alegre. Tal proposta, numa campanha política, enfrenta dificuldades concretas porque não pode propor nada, pois, para ser coerente deve esperar o resultado da eleição para depois reunir o povo e ver o que ele quer.

Já os partidos intermediários de esquerda propõem uma tutela sobre a sociedade. Atribuem-se ao governante a tarefa de vigiar e dirigir a sociedade. A ação da iniciativa privada deve ir diminuindo até extinguir-se de todo. Os partidos de centro, tanto de direita como de esquerda, propõem a convivência de dois sistemas: o da livre iniciativa de mercado e o dirigista, estatizante.

Os partidos de direita intermediários, os liberais, querem a ação estatal somente onde a iniciativa privada não tiver interesse ou quando for de interesse essencial para toda sociedade. Como exemplo deste último podemos apontar a questão da segurança, interna e externa.

### 3. As coligações partidárias em Santa Maria nas Eleições de 1996

As coligações partidárias têm por objetivo maximizar resultados eleitorais, quais sejam, postos em eleições proporcionais ou resultados vitoriosos em escrutínios majoritários. O Código Eleitoral de 1932 abriu as portas para as alianças e, a partir daí, a legislação subsequente deixou espaço para as coligações, excetuando-se a Lei de 20 de setembro de 1979, nº 6.767, que as proibiu para a Câmara dos Deputados, Assembleias Legislativas e Câmaras Municipais. Mas as alterações posteriores, de 1988 e 1989, facultaram-nas novamente.<sup>2</sup>

São conhecidos os argumentos contrários às coligações, tais como confusão ideológica no eleitorado, contradições programáticas nos três níveis, desencontro aliancista nos três níveis e outros. Como consequência o eleitor fica com uma visão embaciada da política e acaba crendo no adágio: “política é tudo a mesma coisa”. Da parte dos partidos pequenos, sobrevivem encostados nos grandes. Os fisiologismos e casuísmos sobrepõem-se aos reais interesses da sociedade, sem falar na *contraditio in terminis* entre sistema proporcional e coligação como opinam alguns autores.<sup>3</sup>

Na eleição de 1996, no município de Santa Maria, foram feitas quatro coligações, e um partido concorreu sozinho à Prefeitura Municipal.

1. Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados concorreu sem aliados. Seu candidato foi o aluno do curso de História da UFSM, Paulo Sérgio Weller, e para vice a professora estadual Alda Catarina Oliver.

2. “Santa Maria Cidadã” – A coligação reuniu os partidos: PMDB/PPS/PSB/PCdoB. Os candidatos foram Sérgio Miguel Achutti Blattes, do PMDB, e Ricardo Rossato, do PSB. O primeiro é advogado, e o segundo, professor da UFSM. Tiveram o apoio do ministro da justiça, Nelson Jobim, dos senadores José Fogaça e Pedro Simon, do secretário da Agricultura do Rio Grande do Sul, Cezar Schirmer.

---

<sup>2</sup> PORTO, Walter Costa. *Dicionário do voto*. São Paulo : Giordano, 1995. p. 114-115.

<sup>3</sup> BARREIRO, Vicente; PAMM, Antônio. *Evolução do pensamento político brasileiro*. Belo Horizonte : Itatiaia ; São Paulo : Editora da USP, 1989. p. 434-435.

3. “Santa Maria Cada Vez Melhor” – Compuseram esta aliança os partidos: PPB/PSDB, tendo como candidatos o engenheiro civil Sérgio Roberto Cechin e o empresário Isaías Fontana Tolio. Contou com o apoio do prefeito em exercício José Haidar Farret; os deputados federais Nelson Marchesan, Jair Bolsonaro, Artur Virgílio, do vice-governador Vicente Bogo, do ex-vice-governador João Gilberto Lucas Coelho.

4. “Vida Nova para Santa Maria” – Concorreram como aliados os partidos: PDT/PT. A prefeito candidatou-se o deputado estadual Carlos Renan Kurtz, formado em Direito, e para vice o jornalista Paulo Pimenta. O primeiro é do PDT e o segundo do PT. A coligação contou com o apoio do presidente nacional do PDT, Leonel Brizola, do presidente nacional do PT, Luís Inácio da Silva, da deputada estadual Ester Grossi, do prefeito de Porto Alegre, Tarso Genro, do ex-prefeito de Porto Alegre, Olívio Dutra e do deputado estadual João Luiz Vargas.

5. “União para um Novo Amanhã” – Disputaram coligados: PTB/PL/PFL. O candidato a prefeito foi do PTB, o advogado Osvaldo Nascimento da Silva, e para vice o empresário Marineu Ziani, do PFL. A união teve o apoio da senadora Emília Fernandes, do ministro Arlindo Porto, do Vice-Presidente, Marcos Maciel e do ex-governador do Rio Grande do Sul e deputado federal, Jair Soares.

## *4. A campanha eleitoral e seus resultados*

### *4.1 PSTU*

A estratégia usada pelo candidato Sérgio Weller foi da crítica, posicionando-se contra a política salarial, contra FHC, contra o desemprego, enfim, contra a globalização, a política neoliberal, as privatizações das estatais e outros “contras”. Desde o início da campanha até o final manteve uma média de 1% das intenções de voto, e em termos de votos, colheu 920, num inverso de 127.725 votantes. A porcentagem baixou para 0,76% do total.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. Secretaria de Informática. *Eleições municipais de 1996*: Divulgação: Atas dos Resultados Finais. Santa Maria, RS: Justiça Eleitoral, 1996.

## 4.2 “Santa Maria Cidadã”

O *slogan* da campanha desta coligação quer passar a idéia de uma Santa Maria já de maior idade, esclarecida, responsável pelos seus atos. Sendo assim, a partir deste momento assume esta condição votando nesses candidatos.

O candidato a prefeito centralizou sua campanha na idéia da necessidade de fazer uma administração calcada num planejamento prévio, cujos conteúdos seriam a saúde, educação, transporte, habitação, enfim o desenvolvimento. Apresentou-se como o candidato com capacidade e determinação para levar adiante tal projeto.

A idéia de planejamento, porém, era muito vaga, sequer havia sido elaborada. E não podia deixar de ser diferente, tendo em vista a coligação. Como conciliar ideologias tão contrastantes? O PMDB, na concepção de seus criadores e líderes maiores como Ulisses Guimarães, Tancredo Neves e mesmo José Sarney, somente para citar alguns, é de cunho essencialmente liberal-democrático. Ao se coligar com partidos comunistas, ficou exposta a contradição, até mesmo programática. Sem falar que, em Santa Maria, um resquício da extrema esquerda continua forte dentro do PMDB, como é o caso do M-R8. Por isso a coligação foi apenas externa e não poderia entrar em detalhes ou mesmo operacionalizar um programa de governo, ou fazer um planejamento, como queria seu candidato. Até mesmo o governador em exercício, Antônio Britto, teve que se manter à distancia da campanha. Em nível de estado, os coligados de Antônio Britto eram adversários de Blattes, e os adversários de Britto eram os coligados de Blattes.

Como se isso não bastasse alguns membros do Diretório não mediam as conseqüências de suas declarações, como foi o caso de declarar publicamente que o ministro Jobim não era mais companheiro de partido, além de inúmeras desavenças pessoais que repercutiam negativamente na campanha.

Na pesquisa de opinião, promovida pelo jornal regional *A Razão*, Sérgio Blattes ocupa o quarto lugar em todos os itens: *conhecido, honesto*

to, experiente, autoritário e inteligente.<sup>5</sup> É sintomático que na mesma pesquisa ocupa o primeiro lugar no item *rejeição*. Será que ele, o cidadão Blattes, seria um rejeitado pela sociedade santa-mariense? Pensamos que não, pois se há um segmento que não tem malícia política, são as crianças. Estas gostavam de vê-lo, de escutá-lo, cantavam as letras da campanha, aplaudiam-no quando aparecia publicamente. Mas como criança não vota...

Outro problema enfrentado pelo candidato da coligação era a questão da organização da campanha. Não se percebia uma coerência na sua condução. Aliás o próprio candidato chama atenção para o problema. Dizia ele: “Está nos faltando rapidez, porque há muito comandante, muita gente dando opinião e operacionalização pouca”.<sup>6</sup> Inclusive havia candidato a vereador que aconselhava os eleitores: “Vote em mim para vereador e para prefeito vote em quem quiser”.

E em termos de resultados eleitorais qual o desempenho? Blattes ficou em quarto lugar, com 10.185 votos. No Legislativo a coligação fez quase o dobro de votos, isto é, 18.358 votos conseguindo eleger quatro vereadores, todos do PMDB. Não seria um recado do eleitorado sobre a aliança? Isto porque, para as proporcionais, o voto parece ser de fato mais coerente com a ideologia e muito mais partidário. Veja-se um exemplo ao contrário: o partido vencedor somente elegeu um vereador.<sup>7</sup>

### 4.3 “Santa Maria Cada Vez Melhor”

O tema expressa a idéia de continuidade, melhoria do *status quo*; indica a consecução de um estágio avançado de desenvolvimento. Seu candidato, vice-prefeito da administração em exercício, Sérgio Roberto Cechin, tem como vice Isaías Tolio. O lema da coligação, que aponta para a continuação da atual administração, dá o tom do que seria a campanha. Há um gritante convencimento de que tudo está bem, que se está fazendo o melhor, que os munícipes estão satisfeitos e aprovam a atual adminis-

---

<sup>5</sup> Jornal *A Razão*, em 29.7.96.

<sup>6</sup> *Id.* em 14.8.96.

<sup>7</sup> BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. *op. cit. id.*

tração. E o pior, a certeza era sincera. Isso levou o candidato a encaminhar erradamente sua campanha. Não foi feita uma pesquisa para avaliar a real situação da administração perante a opinião pública do município.

Caso o candidato fosse um líder carismático não haveria necessidade de uma proposta objetiva. A confiança depositar-se-ia na pessoa. Mas como o candidato não era portador desse dom, a estratégia da campanha deveria ser outra. Mas não foi isso que aconteceu. Além de acreditar que administrativamente estava tudo bem, lançou-se na campanha como um líder carismático querendo repetir o então prefeito, José Haidar Farret, este sim um líder carismático, que não necessita de propostas, nem dizer o que fez, ou seu antecessor fez, ou o que fará. A confiança não é externa a ele, mas inerente à pessoa como diria o sociólogo Max Weber.<sup>8</sup>

A campanha eleitoral não apresentou idéias novas, a não ser a proposta de *centros de resolatividade* na área da saúde, bem como um atendimento mais cuidadoso à educação e à família.<sup>9</sup>

A derrota da coligação “Santa Maria Cada Vez Melhor”, do PPB e PSDB, não foi devido somente ao erro de estratégia, mas a outros fatores que se somaram a este. A coligação em si, de direita e de centro, ideologicamente não teria maiores problemas de rejeição interna, nem do eleitorado.

Os componentes socializantes do PSDB, conforme destaca o pensador francês Fourcade, parece que não tiveram atritos maiores com o liberalismo do PPB. Internamente, porém, o PPB enfrentava problemas de desentendimentos, principalmente entre a presidência do diretório e o prefeito em exercício. O prefeito impunha uma administração personalista. Pouco adiantava o diretório indicar um nome para substituir algum secretário, no final prevalecia vontade pessoal do prefeito. Isso provocava a retirada da campanha de militantes, ou até mesmo se fazia a oposição dentro do próprio partido. Outro fenômeno cultural parece ter influenciado também. É aquilo que os gaúchos chamam de “vira-casaca”. O candidato Cechin quando concorreu a vice-prefeito, junto com Farret, era do PFL.

---

<sup>8</sup> WEBER, Max. *Textos selecionados*. Seleção e introdução de Maurício Tragtenberg. 2. ed. São Paulo : Abril Cultural, 1980. p. 75.

<sup>9</sup> *Jornal A Razão*, em 7.8.96.

Após a eleição passou para o PPB, evidentemente para ser o candidato do prefeito.

#### 4.4 “Vida Nova para Santa Maria”

O *leitmotiv* da coligação PDT/PT objetivava passar a idéia da necessidade de ruptura, de enterrar as velhas estruturas e em seu lugar erguer uma nova ordem social, política e econômica. Dois partidos, que se diz trabalhistas, deram-se as mãos para vencer a direita, como dizia Leonet Brizola, num comício em Santa Maria.

É voz corrente afirmar que Santa Maria, no Rio Grande do Sul, constitui num dos maiores redutos de trabalhistas. Na disputa eleitoral de 1996 uniram-se, de um lado o trabalhismo de origem castilhistaborgista-varguista e de outro o trabalhismo originário da extrema esquerda. Simplificando, poderíamos dizer que se enlaçaram um conservadorismo positivista com um revolucionarismo petista. À primeira vista a aliança parecia invencível.

Os candidatos Renan Kurtz pelo PDT e Paulo Pimenta pelo PT já possuíam experiência partidária e conheciam as refregas das campanhas políticas. Também eram pessoas populares em Santa Maria. Na pesquisa de opinião, promovida pelo jornal *A Razão*, Renan ficou em primeiro lugar nos itens *honesto* e *inteligente* e, em segundo lugar, em experiência, ainda conforme a pesquisa. Daí que surge a pergunta: qual a razão de ter perdido a eleição? E mais: pelo minúsculo PTB do município, só com um vereador? Pensamos que explicação esteja ínsita à coligação.

O efeito imediato de ideologias excludentes provoca rejeição mútua dos partidos ou do eleitorado. Primeiramente dos partidos. Em vários momentos da campanha ficava clara a rejeição entre si dos partidos PDT e PT. Todos sabiam que era apenas de brincadeira, de conveniência, aliás como acontecia com praticamente os demais. No caso do PDT/PT havia um descompasso de legendas e de candidatos. É conhecida a tradicional rixa entre os dois partidos em nível nacional e estadual. Os ataques mú-

tuos de Leonel Brizola e Lula em eleições anteriores são de domínio público. Era evidente que não seria na eleição municipal de Santa Maria que a pacificação viria. O que acontecia em Santa Maria era uma anomalia política o que aliás não era uma exceção no resto do País. Embora Brizola e Lula desfilassem juntos em carreatas ou discursassem lado a lado em palanques, a união era apenas formal, casuística. Friso: não era apenas este caso, mas uma regra geral que atingia os demais partidos. Lula e Brizola são dois líderes nacionais. Como diria o gaúcho: “são dois galos no mesmo terreiro”. De acordo com a metáfora, embora combinassem de não se bicarem ou não se esporearem, nenhum dos dois perdia a oportunidade de fazê-lo, mal saíam de Santa Maria.

Por outro lado, aqui, o estilo dos candidatos era completamente diferente. Kurtz mantinha uma postura neutra, magistral, acima, por assim dizer, do bem e do mal, e mesmo a distância. Seu vice, Paulo Pimenta, condimentava fortemente tudo, arrastando os companheiros à militância. Renan, embora não externasse, não gostava disso, inclusive, às vezes, até fisicamente permanecia afastado da campanha. Pimenta não agüentava o marasmo de Kurtz. Ele tinha apetite de comícios, assembléias populares, polêmicas, carreatas, arrastões, boca de urna. Mas Kurtz preferia os contatos ao *front* da campanha.

Em segundo, no eleitorado trabalhista, boa parcela, tanto da esquerda, do PT, como da direita, do PDT, grassava confusão e indecisão. Os trabalhistas da esquerda, porém, estavam numa situação pior. Ficaram sem outra alternativa. A melhor, dentre as piores opções, era votar no direitista Kurtz para eleger o esquerdista Pimenta. No caso, porém, do trabalhismo de direita a situação era melhor. Havia alternativa: se não confiasse no trabalhista Kurtz, que se aliara à esquerda, poderia votar no trabalhismo sem conferir o apoio à esquerda. Havia o PTB, com tudo o que trazia à lembrança, principalmente seu fundador, Getúlio Vargas. Por que não votar no PTB, perguntavam-se os trabalhistas conservadores?

A aliança PDT/PT fez 34,32% dos votos válidos, ou em números absolutos: 41.457 votos, classificando-se em segundo lugar. Para o Le-

gislativo o PDT fez quatro vereadores e o PT três, dado que a aliança somente valia para a majoritária. Senão teria elegido a maior bancada.<sup>10</sup>

#### 4.5 “União para um Novo Amanhã”

O lema tencionava convencer o eleitor de que havia uma proposta inovadora, anteriormente comprovada. Isso porque o candidato da coligação, Osvaldo Nascimento, já havia sido prefeito de Santa Maria. Os *outdoors* faziam ecoar, em todo tempo permitido, o estribilho: “Osvaldo voltará e vai renascer Santa Maria”. A aliança apresentava-se perante a opinião pública como moderna, competente, técnica.

Pode-se questionar o porquê da coligação entre PTB/PL/PFL. Teria sido por conveniências? Até pode ser, mas na verdade foi uma aliança das forças da direita, ou conservadoras em torno de um candidato confiável e com reais possibilidades de vencer. Se examinarmos os demais candidatos, desponta claramente este fato. Weller era da extrema esquerda. Blattes estava coligado com ela. Cechin era fraco como candidato. Kurtz também estava coligado com a esquerda. Os três partidos da coligação tinham em comum o conservadorismo. Esta ideologia cimentava a aliança. O que iria acontecer após a eleição é outra questão. O conservadorismo getuliano servia de atrativo para os menos favorecidos, e o conservadorismo liberal imantava a classe média urbana. Numa pesquisa promovida pelo jornal *A Razão*, Osvaldo tinha a preferência do eleitorado de 41% até dois salários mínimos, 42% até 2,5 sl., 39% até 10 sl., baixando para 34% acima de 10 salários. Quanto às regiões também é significativo. Uma das regiões mais carentes é a sul. Nela detinha 63% do eleitorado, já na região norte, com forte predominância de ferroviários, atingia o índice de 45%.<sup>11</sup> Além disso, conforme a mesma pesquisa, Osvaldo apresentava um bom desempenho nas demais e trânsito em todas as classes. Outras pesquisas iniciais o indicavam como o *mais conhecido* e o *mais experiente*. Desde as primeiras sondagens de opinião, despontou em primeiro lugar e se manteve até o final. Osvaldo era popular e se auto-incentivava para tal.

---

<sup>10</sup> BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. *id.*

<sup>11</sup> Jornal *A Razão*, em 19.8.96.

Tomava chimarrão com populares, bebia cachaça em canchas de bochas, conversava com as “comadres”. Chegava a almoçar ou jantar várias vezes ao dia para não desagradar ninguém, contentar a todos. Reunia crianças e contava *estórias* ou ia a pé visitar alguma vovó enferma nalgum barraco. Este era o lado populista, bem ao estilo de Getúlio, que agradava aos pobres. Apresentava-se como seu defensor, conselheiro e guia.<sup>12</sup>

Havia, porém, outro aspecto que agradava o empresariado, comerciantes e a classe média urbana: a ideologia da modernização, do desenvolvimento. Este viés foi organizado pelo professor Pedro Aguirre, com formação na Escola Superior de Guerra – ESG. Elaborou um plano estratégico de governo, o qual estabelecia as políticas globais e estratégicas e detalhava as políticas setoriais, tais como: saúde, educação, sistema urbano e desenvolvimento rural.<sup>13</sup>

Fica clara a conjunção do técnico com o popular na campanha de Osvaldo Nascimento. Não era esta exatamente a filosofia de Getúlio Vargas? O mito Getúlio, bom para os pobres e sábio governante, subjaz na cultura política rio-grandense. O candidato que for portador do carisma será o ungido pelo povo.

O dia da eleição transcorreu tranqüilamente. Cada coligação ou partido realizava seus últimos esforços. Os militantes trabalhavam na boca de urna. A coligação PDT/PT procurava convencer os indecisos, Cechin confiava na virada, Sérgio Blattes calculava a força do PMDB, Weller pensava na conscientização do povo, Osvaldo e seu grupo procuravam aparentar calma, rezando para que nada de novo acontecesse.

As primeiras urnas indicavam pequena diferença de Osvaldo sobre Renan. À medida que a contagem avançava, a diferença entre ambos aumentava, mas muito lentamente. Na noite em que terminou o escrutínio e as atas deveriam ir para os computadores, não se conseguia a senha. Esta situação durou até o final do dia seguinte. Sem as atas não havia resultado final. Na porta da sala estavam os representantes dos partidos, candidatos a vereador, familiares, repórteres, radialistas, militantes, enfim,

---

<sup>12</sup> PENNA, José Osvaldo de Meira. *O espírito das revoluções : da revolução gloriosa à revolução liberal*. Rio de Janeiro : Faculdade da Cidade, p. 78-81

<sup>13</sup> PTB/PFL/PL. *Plano estratégico de governo : união para um novo amanhã*. Diretórios PTB/PFL/PL, 1996.

enxame de curiosos. Na sala o juiz com o pessoal da Justiça Eleitoral, em torno dos computadores, em silêncio. Parecia um velório: todos sérios, cabisbaixos, esperando um milagre. E os números extra-oficiais indicavam o vencedor: Osvaldo Nascimento. Ninguém conseguia acreditar que o candidato do PTB, numericamente inferior, havia empalmado a vitória. Nem mesmo a aliança com PFL e PL poderia explicar o resultado.

A coligação carrou 48.118 votos, 39,72% dos votos úteis. Para o Legislativo, também coligados, a aliança conseguiu eleger dois vereadores pelo PFL, um pelo PTB e um pelo PL, totalizando quatro vereadores.<sup>14</sup>

Se observarmos as eleições majoritárias dos anos anteriores, em Santa Maria, fica claro que, antes de ser um reduto trabalhista, o é conservador. Isso aconteceu com a eleição de 1992, na qual se elegeu José Haidar Farret, do PDS. Antes dele, Evandro Beher, do mesmo partido, em 1988. Em 1984 havia sido Farret, e em 1980 o próprio Osvaldo Nascimento fora eleito.

Este fenômeno da vitória de um candidato concorrendo por um pequeno partido não é tão incomum na história política brasileira. Um exemplo, em nível nacional, foram as eleições presidenciais de 1989, nas quais o candidato pelo numericamente inexpressivo partido PRN, Fernando Collor de Mello, venceu os candidatos de grandes e tradicionais partidos. Aliás, foi através de uma proposta conservadora e populista que chegou à vitória. Não esqueçamos que Collor era neto de Lindolfo Collor, ministro do Trabalho de Getúlio Vargas.

Fala-se também no fenômeno *zambiasi* no Rio Grande do Sul. Trata-se do deputado Sérgio Zambiasi que sozinho elegeu vários deputados pelo seu partido, o PTB. Mas o fenômeno *zambiasi* só foi possível porque havia um ambiente cultural favorável, isto é, o mito do político Vargas.

## Conclusão

Nossa pretensão foi explicar como e por que um candidato de um pequeno partido conseguiu superar os demais nas eleições municipais de Santa Maria, em 1996. A coligação por si só não foi razão suficiente,

---

<sup>14</sup> BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral, *id.*

nem mesmo outros fatores, tais como a organização, o prestígio dos apoiadores e mesmo a gestão anterior. Pensamos que a explicação do fenômeno esteja associada a um elemento cultural presente na cultura rio-grandense, qual seja o mito Vargas. Este teria se constituído num político ideal que se cristalizou na cultura política do Rio Grande do Sul. Quando aparecem políticos com as mesmas características que ele, o povo, espontaneamente lhe confere a confiança. Esta não é dada ao partido, coligação ou mesmo ao programa, mas à pessoa do candidato. É um cheque assinado em branco. O portador que o preencha como achar melhor.

Diante disso, a vitória eleitoral de Osvaldo Nascimento pelo PTB e sua coligação deve-se à identificação dele com o imaginário popular sobre o que é o melhor político. De um lado a estratégia populista, de outro a técnica possibilitou a vitória. As classes menos favorecidas viram nele seu defensor, e a classe média viu nele alguém que lhes abriria as possibilidades de expansão, progresso, ascensão. Acenando para este projeto conseguiu sublimar a opinião pública, consagrando-se como candidato vencedor. Com certeza foi um projeto conservador, mais que trabalhista. Diríamos mesmo que, se tivesse concorrido com outro partido ou outra coligação, o resultado não mudaria. O eleitorado votou na pessoa e não no partido ou coligação.

